

Harmonizações faciais: uma perspectiva psicanalítica do mal-estar contemporâneo

Janaína Maria Santos Silveira¹

Gesianni Amaral Gonçalves²

Resumo

As harmonizações faciais são procedimentos estéticos não cirúrgicos que vêm se destacando como um fenômeno crescente na sociedade contemporânea. Identificamos, nesse sentido, o rosto como fonte de mal-estar ou como um *punctum*, conceito criado por Mieli para definir o lugar do corpo próprio, que causa incômodo, e o desejo de se desfazer dele. Destarte, surgiu o interesse de realizarmos uma pesquisa de revisão bibliográfica em Psicanálise, cujo objetivo consiste em tecer uma articulação entre a busca por mudanças faciais e as proposições psicanalíticas sobre intervenções no corpo. Visamos entender o mal-estar que afeta corpos cada vez mais jovens, elegendo, como objeto de estudo, homens e mulheres na faixa etária entre 20 e 40 anos que se submeteram ao procedimento. Indagamos se a motivação do número expressivo de aumento dos procedimentos se dá em virtude do medo de envelhecer. Este artigo justifica-se devido ao fato de a incidência de procedimentos estéticos faciais liderarem as cinco primeiras colocações dos métodos não cirúrgicos mais realizados no Brasil, em conformidade com dados do último censo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP). Conclui-se que a escolha pela prática de harmonizações corresponde a fatores da dimensão cultural, como a mídia, e que o medo de envelhecer se mostra uma justificativa para tal, uma vez que os dois procedimentos não cirúrgicos mais realizados têm por finalidade prevenir e tratar rugas e linhas de expressão, havendo uma incidência maior dos procedimentos estéticos na faixa etária entre 19 e 50 anos.

Palavras-chave: Corpo, Psicanálise, Harmonizações faciais, *Punctum*.

¹ Graduada em psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) (Minas Gerais, Brasil). Atuou como voluntária durante um ano e meio do projeto de extensão, vinculado à UEMG intitulado “Plano psicológico on-line: acolhimento e prevenção” (PPOLAP). Atualmente, exerce a atividade de psicóloga clínica. Interessa-se por Psicanálise, estudos sobre o corpo, Filosofia. E-mail: janainasilveira072@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9398-7826>.

² Psicanalista e psicóloga. Pós-doutorado em Intervenções Clínicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela PUC Minas. Especialista em Arte e Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) (Minas Gerais, Brasil). Autora dos livros *Corpo e clínica psicanalítica: teoria e prática* (2022) e *Psicanálise e psicopatologia: olhares contemporâneos* (2019). Professora Titular da UEMG. E-mail: gesianni@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5905-3973>.

Introdução

Pensava a beleza como um esforço constante de apagamento da corporalidade. Queria que amasse meu corpo esquecendo o sabor que carregam os corpos. A beleza, eu pensava ansiosamente, é esquecimento. Ou talvez não. Talvez tenha sido eu que tenha acreditado que o amor dele precisasse daquela minha obsessão (Ferrante, 2016, p. 80).

Intervenções no corpo tornaram-se fenômenos crescentes com o avanço tecnológico. As pessoas se submetem a uma diversidade de procedimentos estéticos para se adequarem aos “padrões ideais” ditados pela mídia. Cirurgias e procedimentos estéticos são procedimentos cada vez mais requisitados para solucionar a insatisfação com a aparência.

Nesse contexto de mal-estar referente ao corpo, o rosto vem se destacando como fonte de anseio e busca por modificações. A harmonização facial propõe, por meio de técnicas não cirúrgicas, proporcionar harmonia e simetria ao rosto, utilizando intervenções que promovem alinhamento, melhora na aparência da pele e correção de ângulos.

Entre os procedimentos que compõem a harmonização facial estão o preenchimento com ácido hialurônico, usado para correções de marca de expressão e olheiras, além de contorno da mandíbula e rinomodelação; o ácido deoxicólico, utilizado para redução de papada; a bichectomia, responsável por reduzir o volume das bochechas; fios de suspensão, procedimento que consiste na introdução de fios de ácido polilático para tratar a flacidez facial e cervical; *lifting* facial, recomendado para remoção de rugas; microagulhamento, utilizado para remoção de manchas, cicatrizes, rugas ou linhas de expressão; *peeling*, tratamento com ácidos e outros produtos manipulados para proporcionar a descamação da pele; preenchimento labial, aplicação de ácido hialurônico para aperfeiçoamento dos lábios; rinomodelação, procedimento realizado no nariz, que visa resultados semelhantes ao da rinoplastia; e toxina botulínica (botox), que reduz marcas de expressão e proporciona o relaxamento dos músculos. Ademais, procedimentos odontológicos também compõem a técnica. Salienta-se que os métodos utilizados nesses procedimentos são, na maior parte das vezes, temporários, sendo necessárias manutenções periódicas³.

As harmonizações faciais se popularizaram no Brasil nos últimos anos. De acordo com o último censo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP), entre os procedimentos não cirúrgicos realizados em 2018, nota-se que os seis primeiros classificados que lideram o *ranking* são toxina botulínica, 95,7%; preenchimento, 89,6%; *peeling*, 21,8%; suspensão de fios, 21,6%; ácido polilático, 21,4%; e microagulhamento, 16,9 % (SBCP, 2019). Dados da International Society of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS) apontam que o número de aplicações de toxina botulínica aumentou 51,2% entre os anos de 2018 e 2022 em todo o mundo. Somente no Brasil, no ano de 2022, foram realizados 433.263 procedimentos de aplicação de toxina botulínica, o que corresponde a 44,6% dos procedimentos não cirúrgicos realizados no país (ISAPS, 2022).

³ Informações recuperadas de Clinicorp. Recuperado de <https://www.clinicorp.com/post/harmonizacao-facial>.

Freud indica três fontes de mal-estar para o sujeito inserido em uma civilização, delimitando três direções a partir das quais o sofrimento nos ameaça: o corpo, o “[...] mundo exterior, que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis; e, finalmente, das relações com outros seres humanos” (Freud, 1930/2021, p. 321). Portanto, diante dos altos índices de procedimentos realizados, o presente estudo busca entender o mal-estar que continua afetando os corpos, cada vez mais jovens; tendo como problema central o seguinte questionamento: há uma função psíquica exercida pelas harmonizações faciais diante do medo do envelhecimento? Por isso, nosso estudo se volta aos procedimentos no corpo de homens e mulheres na faixa etária entre 20 e 40 anos. Afim de estudar essa questão, realizamos revisão bibliográfica no intuito de compreender as noções de corpo para a Psicanálise, investigando a associação histórico-cultural entre envelhecimento e harmonizações faciais, o que resultou em reflexões sobre as representações psíquicas dos procedimentos estéticos realizados no rosto na contemporaneidade. O presente estudo apresenta caráter exploratório e abordagem qualitativa, cujo objetivo é estreitar o conhecimento sobre o tema estudado, ajudando na formação de hipóteses e aprimoramento do conhecimento teórico (Gil, 2022).

Pertencendo a uma pesquisa do campo psicanalítico, este estudo parte do pressuposto da noção que Freud (1913/2010) já nos orientava em *Princípios básicos da Psicanálise*, qual seja, que a teoria psicanalítica é de ordem inacabada, portanto aberta a novas reformulações e aprimoramento dos conceitos já definidos. Conforme Freud (1913/2010),

A psicanálise é uma disciplina singular, em que se combinam um novo tipo de pesquisa das neuroses e um método de tratamento com base nos resultados daquele. Desde já enfatizo que ela não é fruto da especulação, mas da experiência, e, portanto, é inacabada enquanto teoria. Mediante suas próprias inquirições, cada qual pode se persuadir da correção ou incorreção das teses nela presentes, e contribuir para seu desenvolvimento (p. 269).

Cabe ressaltar que todas as manipulações físicas comportam motivações particulares, causas e necessidades específicas e devem ser estudadas de acordo com a história subjetiva de cada paciente, levando em consideração o contexto simbólico, cultural e social específico (Mieli, 2002). No entanto, isso não impede a formação de uma hipótese sobre por que essas manipulações se espalham tão facilmente: seria o medo de envelhecer a causa do número crescente de procedimentos no rosto?

O texto foi estruturado de modo a promover uma compreensão das questões suscitadas pelo tema; destarte, elegemos em primeiro momento a elaboração do corpo na Psicanálise Freudiana, apresentado conceitos importantes para a compreensão do corpo, como pulsão, narcisismo e complexo de Édipo. Posteriormente, trazemos as contribuições de Lacan sobre o corpo, apresentando os conceitos de real, simbólico e imaginário. O terceiro eixo trata de envelhecimento e Psicanálise, descrevendo o espanto com a imagem refletida no espelho e os desdobramentos psíquicos de envelhecer. No quarto eixo, tecemos considerações sobre o rosto como um *punctum*, conceito elaborado por Mieli (2002) que se refere a um lugar no próprio corpo que causa mal-estar e embaraço, de onde o sujeito se sente olhado. Por fim, concluímos apresentando os resultados da pesquisa.

O corpo na Psicanálise freudiana: histeria, pulsão e narcisismo

O corpo tem grande relevância para a Psicanálise, posto que é por meio dele e de suas expressões como via de linguagem que a Psicanálise surge. Os estudos de Freud sobre as histéricas, pacientes do médico Jean Charcot no Hospital Salpêtrière, possibilitaram a investigação das estereotipias e a descoberta de que o inconsciente se manifesta por intermédio do corpo.

Essa descoberta contesta o saber médico da época. No texto *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*, Freud (1893/1996, p. 212) faz um paralelo entre as paralisias de causa orgânica e as de base histérica, apontando que “a lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso, pois, nas suas paralisias e em outras manifestações, a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento desta”.

Freud (1893/1996) sustenta que nas manifestações histéricas não existe uma etiologia neurológica. Desse modo, afasta-se da Neurologia e volta o olhar para a Psicopatologia, buscando compreender o funcionamento do psiquismo humano. Mediante estudo com as histéricas, ele descobre o conceito de inconsciente no momento em que permite que as histéricas falem e, de fato, dá relevância ao que dizem, apreendendo que quando uma pessoa fala diz mais do que se supõe estar dizendo.

Gradualmente, Freud vai percebendo que alguns conteúdos são recalcados pelo inconsciente e vão se apresentando de forma fragmentada, conteúdos esses que, em suma, eram sexuais. Em os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016), ele afirma que a atividade sexual permeia a vida humana e começa no nascimento, na primeira experiência com a amamentação. Quando a necessidade de sucção do bebê vai além da satisfação nutritiva, aponta para uma busca de obtenção de prazer, fixação essa denominada de sexual. Entretanto, o corpo é permeado por múltiplas zonas erógenas, não elegendo uma unidade global como fonte de satisfação, de modo que a sexualidade não deve ser reduzida à genitalidade. Consoante Freud (1905/2016),

A satisfação surgiria, antes de tudo, pela adequada excitação sensorial das chamadas zonas erógenas, cuja função provavelmente pode ser exercida por qualquer área da pele e qualquer órgão do sentido, provavelmente qualquer órgão, ao passo que existem zonas erógenas por excelência, cuja excitação é garantida, desde do começo, por determinados dispositivos orgânicos (pp. 157-158).

Nesse contexto, surge o conceito de pulsão (*Trieb*), que, na obra supracitada, é apresentada como o representante mental de uma energia que conduz ao movimento, ou mesmo como uma espécie de demanda de ação que seria feita no psiquismo, cuja fonte seria o processo excitatório em um órgão (Freud, 1905/2016). Localiza-se uma distinção entre a fonte da pulsão e o estímulo, sendo a primeira originária do próprio organismo e não de origem externa. Nas palavras de Freud (1915/2021), “[...] o estímulo pulsional não advém do mundo exterior, mas do interior do próprio organismo. Por isso, ele atua de modo distinto sobre o anímico e requer outras ações para sua eliminação” (p. 19). O estímulo externo atua sobre o corpo como um estímulo momentâneo, já a pulsão atua

como uma força constante, demandando do sujeito um trabalho psíquico incessante de gerar destino para essa energia.

Em *As pulsões e seus destinos*, Freud (1915/2021) apresenta algumas características relacionadas à pulsão: pressão, meta, objeto e fonte. A pressão está associada ao fator motor, uma força de exigência que gera tensão sobre o psíquico, colocando-o a trabalho; “A meta de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte pulsional” (p. 25). Diferentes variáveis podem ser utilizadas para atingir o propósito, de modo que mesmo as pulsões inibidas em sua meta culminam em uma satisfação parcial.

O objeto da pulsão não está instituído *a priori*, “é o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (Freud, 1915/2021, p. 25). É por meio do objeto que a pulsão pode alcançar sua meta, não se trata propriamente de algo exterior ao indivíduo, podendo vir a ser, inclusive, parte do próprio corpo. Por fim, a fonte de uma pulsão corresponde a um processo somático que se verifica em um órgão ou parte do corpo.

Freud (1915/2021) postula, em conformidade com as categorias de funcionamento, a divisão das pulsões em dois grupos: as pulsões sexuais, as quais se encontrariam sobre controle do princípio do prazer, e as de autopreservação, que estariam relacionadas às satisfações primárias. Contudo, o conceito de narcisismo tornará problemática essa divisão. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914/2010) esclarece que o termo narcisismo representa um sujeito que endereça energia pulsional para o próprio corpo, “como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (p. 14). Desse modo, a teoria sobre as pulsões começa a apresentar divergências. A oposição entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação mostra-se inviável, ao passo que “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto conservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (pp. 14-15).

O autor apresenta a diferença entre libido do eu e libido do objeto, sendo a distinção entre as duas observada a partir do movimento que a libido realiza, ou seja, se ela é investida nos objetos ou se é retornada para o Eu. Nesse texto, Freud (1914/2010) expande o conceito de libido, redefinindo-o como um interesse psíquico mais amplo, indo além de sua conotação estritamente sexual, como podemos observar em suas próprias palavras: “a estender o conceito de libido, isto é, a abandonar o seu conteúdo sexual, identificando libido como interesse psíquico propriamente” (p. 23).

Quanto ao autoerotismo, entende-se que é uma fase anterior ao narcisismo, na medida em que a unidade separada do Eu não existe inicialmente, sendo uma formação posterior. Freud (1914/2010) institui que as pulsões sofrem repressão, em outras palavras, são recalçadas ao entrar em conflito com as normativas morais e culturais do sujeito. A repressão (recalque) surge como uma resposta ao autorrespeito do Eu: “Podemos dizer que uma erigiu um *ideal* dentro de si, pelo qual mede o seu Eu atual, enquanto à outra falta essa formação de ideal. Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para a repressão” (p. 40).

Desse modo, Freud (1914/2010) identifica que o narcisismo do sujeito é deslocado para a iminência do Eu Ideal, sustentando a noção que o sujeito não abre mão inteiramente

da satisfação narcísica desfrutada na infância, buscando a satisfação primária por meio da instância Ideal do Eu. Pautadas nessa informação, indagamos se estaria o sujeito que realiza intervenções no rosto em busca dessa satisfação narcísica, uma vez que Freud (1930/2021) aponta no texto “Mal-estar na civilização” que “a felicidade da vida é procurada sobretudo no gozo da beleza” (p. 329).

A partir de observações referentes à compulsão e à repetição no texto *Introdução ao narcisismo* (Freud, 1914/2010), a teoria sobre as pulsões começa a apresentar divergências, direcionando o autor a modificar a divisão pulsional empregada até o momento. Em *Além do princípio do prazer*, Freud (1920/2010) ressalta que

[...] não é correto dizer que o princípio do prazer domina o curso dos processos psíquicos. Se assim fosse, a grande maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada de prazer ou conduzir ao prazer, quando a experiência geral contradiz essa ilusão. O que pode então suceder é que haja na psique uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde a tendência do prazer (pp. 164-165).

A pulsão de morte apresenta-se como algo que está fora da lógica do princípio do prazer, situando-se como oscilante em termos de energia e se desvinculando da noção de autoconservação. É por meio da repetição que o sujeito é direcionado a atualizar o que não foi possível ser elaborado em termos de trauma. Cabe salientar que a pulsão de morte atua conjuntamente com a pulsão de vida, não se tratam de instâncias distintas, havendo um complemento entre uma e outra, ocorre entre as duas pulsões uma mescla, uma mistura de proporções variáveis (Freud, 1920/2010).

Freud (1917/2014) descreve um processo muito importante para a constituição do psiquismo, uma vez que, em virtude do complexo de Édipo, ocorre a castração do sujeito e sua inscrição na lei simbólica do Ideal do Eu. No texto *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*, o psicanalista aponta que a primeira escolha de amor tem um caráter incestuoso. O autor se baseia no mito do Édipo Rei, no qual o personagem mata o pai e casa-se com a mãe. Nessa formulação, Freud (1923/1996) apresenta que o filho tende a se apaixonar pela figura materna e rivalizar com o pai, querendo assumir seu lugar. O mesmo ocorre com a menina, que, por sua vez, se apaixonaria pela imagem paterna, com tentativas de afastar a figura materna e assumir o seu posto. Nessa obra, ele orienta que são os próprios pais que despertam os filhos dessa postura, pois também oprimiram o próprio desejo edipiano. O menino, ao perceber que o pai tem pênis e a mãe não, deduz que ela foi castrada e, por medo de também ser castrado, abre mão desse amor incestuoso e passa a se identificar com a figura paterna. Já as meninas, por não terem pênis, identificam-se com a mãe, como também castradas (Freud, 1923/1996).

Como resposta ao complexo de Édipo, instaura-se a instância do superego, posto que o sujeito abandona a premissa dos pais como objeto sexual e os desloca para a posição de objeto de identificação. Nas palavras de Freud (1923/1996),

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação

do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego (pp. 46-47).

Podemos definir o superego (Ideal do Eu) como o representante da lei no psiquismo humano, é essa instância que traz apontamentos sobre moral e as normas sociais. Cabe salientar que essa instância trabalha de forma conjunta com o id e o ego (Eu), não executando sua representação de forma isolada (Freud, 1923/1996). É pelo prisma da identificação e a instância do Ideal do Eu que o sujeito realiza julgamentos sobre sua aparência, buscando sempre por uma imagem que possa cativar o outro. A mídia atualmente se comporta como um grande mecanismo de Ideal do Eu, ditando quais corpos e rostos são desejados. Desse modo, o Ideal do Eu busca o encobrimento da castração criando a expectativa de completude ilusória mediante intervenções no corpo que prometem uma experiência de satisfação e pertencimento.

No texto *As neuropsicoses de defesa*, Freud (1894/1996) postula que o corpo expressa representações recalcadas que não são acessadas pela consciência do sujeito, de forma que grande quantidade de excitação é transformada em inervação somática, ou seja, os desejos inconscientes, por serem reprimidos, manifestam-se no corpo. Assim, a Psicanálise aborda o corpo perpassado e entrelaçado com a palavra. A eficácia da Psicanálise só é possível à medida que as palavras têm ressonâncias no corpo (Cukiert & Prizskulni, 2002).

Conforme destaca Gonçalves (2022), embora Freud não tenha tratado diretamente sobre o corpo, os estudos do pai da Psicanálise apontam aspectos relevantes acerca da interferência do psiquismo sobre ele. Muitas são suas contribuições para a definição de corpo para a Psicanálise, mas neste trabalho, vamos nos deter sobre os aspectos da pulsão, do narcisismo e os desencadeamentos do complexo de Édipo. Propomos dar continuidade à noção de corpo para a Psicanálise recorrendo aos estudos de Lacan.

O corpo em Lacan: imaginário, simbólico e real nas harmonizações faciais

Lacan, ao longo de toda sua obra, atentou-se à questão do corpo buscando definições e formulações, chegando, inclusive, a dedicar um Seminário à temática, nomeado *Encore/en corps*. O psicanalista francês (1972-1973/2008) postula três tipos de registro fundamentais à sua teoria e ao estudo do corpo: o real, o simbólico e o imaginário. O imaginário corresponde ao corpo como imagem; o simbólico, ao corpo permeado pelo significante; e o real, ao corpo vinculado ao gozo (Gonçalves, 2022).

Soler (2019) aponta que “o corpo é mais essencialmente afetado em seu gozo [...] não é o sujeito que o significante afeta. O significante apenas representa o sujeito – não sem consequências –, mas é o corpo que ele afeta” (p. 318). A capacidade de o corpo ser afetado pelo significante foi apresentada por Lacan (1975-1976/2007) n’O Seminário 23, quando ele afirma que “as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer” (p. 18).

Pensando na perspectiva do registro simbólico, o corpo é constituído na relação entre a fala e a linguagem. De acordo com Cukiert e Prizskulni (2002), Lacan, em seus estudos sobre o corpo, ressalta o carácter simbólico que a linguagem tem. O simbólico antecede o nascimento da criança, pois, antes mesmo de nascer, já é falada por um outro que cria expectativas sobre ela. Nesses termos, Soler (2019) aponta que

Existe o Outro corpo, o verdadeiro, o primeiro, aquele que lhes dá corpo, e esse outro é a linguagem [...]. A tese é, portanto, que é o corpo do simbólico, corpo incorpóreo, que, ao se incorporar, dá a vocês um corpo. Ele o faz num duplo sentido: ele atribui a vocês, porém, mais essencialmente, ele o fabrica para vocês [...]. É a linguagem que faz você dizer que o corpo é “um”, e que ele é seu. Certamente, há a coesão do organismo, que parece ser primeira, embora seja redobrada pelo “um” do significante (pp. 314-315).

O registro imaginário diz respeito ao Estádio do Espelho, quando há uma união entre a imagem inconsciente do corpo e o reflexo percebido no espelho, concedendo ao sujeito uma forma imaginária (Cukiert & Prizskulni, 2002). Gonçalves (2022) aponta que Lacan, a partir da releitura freudiana, propõe considerações importantes na fase do desenvolvimento do Eu e, ao propor o Estádio do Espelho, busca articular a “relação entre a linguagem, a imagem e seu efeito sobre o sujeito” (p. 92). Vemos que para a criança a imagem do próprio corpo se dá também por meio da linguagem, dado que é o Outro que aponta ao sujeito sua imagem. No texto “O estágio do espelho como fundador da função do eu”, Lacan (1949/1998) diz que no momento inicial de estruturação do sujeito a criança não faz uma distinção entre seu corpo e o exterior. É mediante o Estádio do Espelho que ela se visualiza diante do espelho. Segundo o autor,

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental (Lacan, 1949/1998, p. 100).

Ao se ver no espelho pela primeira vez, a criança se sente contente, direcionando seu olhar a um outro, buscando validação da imagem que vislumbra. A identificação com a imagem do espelho depende de que a criança tenha um lugar nesse grande Outro, que dá a ela um signo de reconhecimento. A imagem do espelho proporciona ao sujeito um contorno corporal, mas, por outro lado, também o aliena, fazendo-o assumir a imagem de um outro que não corresponde a ele mesmo (Schulz & Ruschel, 2017). A alienação ocorre porque há algo na imagem que advém do Outro, o qual apresenta ao sujeito seu corpo diante do espelho e, muitas vezes, agrega adjetivos a ele e a determinados traços físicos. Assim, o sujeito busca corresponder à imagem que o outro atribui a ele ou a modificá-la.

Essa fase é altamente relevante para a constituição do sujeito, conforme menciona Lacan (1949/1998), “Basta compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). O reconhecimento da imagem corporal em sua totalidade garante ao sujeito um domínio imaginário sobre o corpo, fazendo diferenciações do que é seu e do que não é. Nessa perspectiva do domínio sobre os corpos, os sujeitos que se submetem aos procedimentos de harmonização inscrevem e modificam contornos faciais, elegendo, desse modo, quais características o representam melhor. Um controle imaginário que promete uma imagem perfeita e harmônica que não tenha incidência das marcas do processo de envelhecimento.

Quanto ao registro real, Fink (1998) afirma que é “aquilo que ainda não foi simbolizado, resta ser simbolizado, ou até resiste à simbolização; pode perfeitamente existir ‘lado a lado’ e a despeito da considerável habilidade linguística de um falante” (p. 44). Questionamos se não seriam as harmonizações uma tentativa de escapar do real, visto que há uma resistência à simbolização do corpo que apresenta sinais de envelhecimento.

Considerando o processo de alienação e separação, resultantes do Estádio do Espelho, Lacan (1962-1963/2005) adverte que, ainda que a imagem projetada no espelho seja investida de libido pelo Outro, surge um resto que não é transmitido pela imagem especular. Indagamos ainda se esse resto, que não é passível de ser visto, que não tem uma imagem que o represente diante do espelho, seria o que escapa nas harmonizações faciais. Quinet (1994) esclarece que, “Na experiência do espelho, olhar é esse objeto que escapa do corpo do Outro materno que observa o sujeito diante do espelho em estado de jubilação. Objeto fugaz e inapreensível, mas cuja presença situa a experiência especular no âmbito do espetáculo dominado pela pulsão escópica” (p. 47).

Nesse lugar de resto, está o objeto *a*, que, nas palavras de Lacan (1962-1963/2005), representa “aquilo que sobrevive da provação da divisão do campo do Outro pela presença do sujeito” (p. 243), ou seja, da divisão entre a imagem que o sujeito representa para o Outro e como ele se constitui como sujeito. Guedes (2010) afirma que

O objeto *a* faz referência à falta, não sendo especular, nem apreensível na imagem. A falta, segundo Lacan, não existe no real e só seria apreensível através do simbólico. E é também através do simbólico e do imaginário que há a tentativa de preenchê-la. Lacan enfatiza, ainda, a irredutibilidade dessa falta que é radical na própria constituição do sujeito. É a partir desse posicionamento que o objeto *a* assume sua função de causa de desejo. Na medida em que ele é sobre, Lacan o reconhece estruturalmente como objeto perdido (p. 166).

O Eu é formulado a partir de um processo de identificação. Nesse sentido, há um embaraço em diferenciar o que é do outro e o que é de si. Conforme Guedes (2010), o objeto *a* é de caráter incompreensível para o sujeito e não se trata da angústia da castração, já que essa “em sua forma imaginária se apresenta representada por (- ϕ)” (p. 168).

Freud postula que o objeto perdido é uma condição inerente ao sujeito que busca por essa experiência mítica primária de completude; enquanto Lacan formula que esse objeto perdido gera o movimento do desejo (Guedes, 2010). O desejo não está centrado no gozo, mas na busca pelo Outro, sendo por meio do objeto *a* que o sujeito tenta se posicionar como aquele que completaria a falta no Outro (Soler, 2019).

O envelhecimento e a Psicanálise: corpo, espelho e o estranho

O processo de envelhecimento pode ser definido como um fenômeno fisiológico, marcado por alterações físicas; assim como pode também se referir a uma fase da vida, surgindo com a progressão da idade adulta até a morte do sujeito. É difícil definir o que é velhice, pois se trata de um processo subjetivo, havendo interferências intrínsecas de como o sujeito se percebe e o modo como é visto pelos outros. São essas interrelações de olhares

que constituirão o que vem a ser a velhice para cada um. Desse modo, o envelhecimento se apresenta de forma múltipla e diversificada, sendo essa fase vivida de forma singular pelo sujeito. Percebem-se preconceitos socioculturais acerca do envelhecimento, sendo caracterizado como um período de declínio físico e inutilidade (Goldfarb, 1997).

Sobre o envelhecer, Beauvoir (1990) pontua que “é uma surpresa, um assombro, perceber-se velho. O espelho mostra o que os outros percebem, mas a pessoa reluta em aceitar a mudança em si própria. Dessa forma, velho é sempre o outro” (p. 35). A surpresa que o sujeito leva ao se perceber velho relaciona-se ao descompasso entre o que o espelho lhe mostra, ou seja, um corpo envelhecido, com rugas e cabelos brancos e a visão interna particular e subjetiva, que está relacionada com sua história pessoal, às vezes discordante daquilo que os olhos veem.

O sujeito diante do envelhecimento necessita elaborar a perda de algumas condições, entre essas o aparecimento de rugas, os cabelos grisalhos e a dificuldade em realizar determinadas atividades. Goldfarb (1997) menciona que a velhice pode ser descrita como uma “fase do espelho negativo” (p. 36), isto é, o sujeito não reconhece sua imagem no espelho. Nas palavras da autora,

“esse não sou eu”, evidentemente nos diz que o rosto no qual ele poderia se reconhecer tranquilamente não é aquele [...] tanto o adolescente quanto o sujeito que envelhece sabem perfeitamente que aquela imagem lhes pertence, mas experimentam ante ela uma certa estranheza, um susto, como se a imagem fosse de outro: há uma falta de reconhecimento como imagem, não como sujeito. Não é o rosto que lhes corresponde. Aquele ali, o velho do espelho é outro, não é a representação conhecida por ele como seu próprio rosto; a representação conhecida de sua face ficou perdida, e em alguns casos, como na demência, para sempre (Goldfarb, 1997, p. 35, grifos da autora).

Freud (1919/1996), no texto “Das Unheimliche”, esclarece-nos que, diante de situações que parecem misteriosas e enigmáticas, o sujeito demonstra medo e horror. Contudo, o estranho não se opõe ao familiar, conforme ele afirma,

[...] o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. [...] nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho (Freud, 1919/2006, pp. 238-239).

Freud apresenta exemplos e experiências pessoais para confirmar sua teoria do estranho. Em uma nota de rodapé, ele discorre sobre a sensação de estranheza ao se deparar com a própria imagem refletida no espelho durante uma viagem: devido a um solavanco do trem, a porta do banheiro se abre e Freud (1919/1996) se depara com sua imagem no espelho da porta, pensa que outro passageiro estivesse entrando em seu leito por engano. Quando se levanta, surpreendentemente percebe que a imagem que viu era, na realidade, ele mesmo, ou seja, inicialmente há uma confusão sobre a própria imagem, que é apreendida como um outro.

O estranho evidencia a existência de um desconhecido, exterior, mas que ao mesmo tempo é familiar. Assim, as mudanças provocadas pelo envelhecimento podem ser descritas como um *unheimliche*, sendo percebidas como um estranho localizado no próprio corpo.

A imagem refletida no espelho, percebida como estranha, acaba gerando um conflito entre o Eu Ideal e o Eu, o qual deve ser regularizado pelo Ideal do Eu, instância permeada por representantes sociais (Goldfarb, 1997). Socialmente, o velho é aquele pouco valorizado na atualidade, época na qual se venera a beleza, a juventude e a produtividade (Py, 2004).

Goldfarb (1997) nos orienta sobre a importância do reconhecimento para o sujeito que envelhece, dizendo que,

Caso este sujeito não encontre um lugar de reconhecimento, o Ideal do Eu não tem como sustentar sua função reguladora. Junto com a queda do Eu Ideal, desabarão outras imagens narcísicas de onipotência, perfeição e sabedoria, que darão lugar aos atributos de um Eu [...] com sua carga de castração, desmembramento e aniquilação (pp. 37-38).

Desse modo, reafirma-se a importância do Outro para o sujeito, afinal, é com ele que o Eu constrói uma relação imaginária de identificação narcísica durante o Estádio do Espelho. O reposicionamento subjetivo vai depender da particularidade do sujeito de lidar com perdas ou do uso de mecanismos de defesa, por exemplo, o da negação, como reposta à angústia. O trabalho psíquico perante o envelhecimento faz ressonância às experiências infantis e juvenis que estruturam a psique (Goldfarb, 1997).

Percebemos também a importância do reinvestimento libidinal do sujeito a outros interesses, atividades e relações, uma vez que toda perda traz consigo um luto, conforme salienta Py (2004):

No envelhecimento, o trabalho do luto se constitui no penoso processo psíquico que o idoso percorre, implicando a necessidade de elaboração do vínculo afetivo com aquilo que sente perdido e que o social soberanamente glorifica: o corpo com vigor, beleza jovem [...]; o poder e o status do trabalho e, ainda, pessoas do seu convívio que começam a morrer (p. 122).

Mucida (2009) descreve que o aparelho psíquico é constituído em três tempos: o passado, que provoca interferências no presente; um tempo que caminha para o futuro, sendo passível de modificações; e um terceiro tempo, “nomeado por Freud de atemporal, fora do tempo, extra temporal ou que desconhece a passagem do tempo” (p. 52). O sujeito com o qual a Psicanálise trabalha é o do terceiro tempo, o inconsciente, de caráter atemporal, assim, podemos dizer que ele não envelhece e não tem consciência lógica sobre o tempo, ainda que o corpo biológico passe por mudanças e transformações provenientes do envelhecimento. O desejo e a libido não envelhecem, mas exigem novas formas de inscrição diante do real de cada sujeito, sendo essencial no envelhecimento a capacidade de lidar com a frustração e o luto, deslocando a libido e reinvestindo em novos objetos. Sabendo que o processo de envelhecimento gera um desencontro entre o inconsciente atemporal e o corpo temporal, podemos aludir que as intervenções corporais – no trabalho em questão, as harmonizações faciais – são uma tentativa de esquiva do desencontro entre essas duas instâncias.

O rosto como *punctum*: intervenções estéticas e mal-estar psíquico

O rosto vem se mostrando para uma grande parcela da população uma fonte de mal-estar. Em virtude disso, os números de procedimentos faciais cresceram consideravelmente,

como aponta o último censo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2019). Mieli (2002), psicanalista formada na França, apresenta, no texto “Sobre as manipulações irreversíveis do corpo”, o conceito de *punctum*, pontuando que chamará “de *punctum* o lugar do próprio corpo percebido pelo sujeito como o que insiste no sentindo de embaraçar. Trata-se de um embaraço que é ao mesmo tempo incômodo e impedimento dos movimentos; um estorvo, fonte de mal-estar e de perturbação” (p. 15).

Qualquer lugar do corpo pode desempenhar a função de *punctum*, neste trabalho elegemos o rosto como ponto de embaraço. “O *punctum* é um lugar do próprio corpo de onde nos sentimos olhados. Esse olhar, que se destaca do ver do sujeito, persegue-o ofuscando sua imagem, fazendo vasculhar a forma do corpo, o desenho da fisionomia individual” (Mieli, 2002, p. 15).

Mieli (2002) utiliza o termo *punctum* usando como referência o conceito de mesmo nome criado por Barthes (1980/2015), em “A câmera clara: notas sobre a fotografia”. Cabe ressaltar que a autora se vale do conceito, mas o emprega fora do contexto trabalhado pelo autor, utilizando conotações e funções distintas. Barthes (1980/2015) apresenta em sua obra dois conceitos, os quais utiliza para representar o interesse que sente por determinadas fotografias. O primeiro termo é o *studium*, que representa um interesse mais vasto guiado pela consciência, relacionado ao contexto cultural, histórico e técnico da imagem, sendo interpretado pelo conhecimento prévio do observador. Já o segundo termo, *punctum*, consiste em um interesse subjetivo, o que captura cada um diante de determinada fotografia, tal como uma flecha.

Consoante Barthes (1980/2015), o *punctum* é o elemento que aflige, fere e mortifica o observador, representando uma força paradoxal, ao passo que um detalhe é capaz de sobressair e se destacar na fotografia. O autor admite que o *studium* remete sempre a algo possível de nomeação, já ao *punctum* essa normativa não se aplica. O *punctum* é um elemento que pode estar delimitado na fotografia ou não, sendo acrescentado à cena pela insistência do olhar do observador.

Barthes (1980/2015) apresenta um exemplo pessoal de *punctum*. Ao se deparar com a fotografia de uma família negra, produzida em 1926 por James Van Der Zee, o colar usado por uma das pessoas na fotografia captura sua atenção e, posteriormente, recorda-se que uma tia, por quem o autor nutria um sentimento de muita pena em decorrência da vida que levava, usava um colar igual. Por esse motivo, a personagem da fotografia ganha uma vida exterior à da foto. Nesses termos, o *punctum* lança o observador para além daquilo que é identificado pelo olhar.

Nesse sentido, percebe-se que as intervenções voluntárias no corpo culminam em uma necessidade de contornar o que é percebido como *punctum*, produzindo apaziguamento ao sujeito. A essas intervenções sobre o corpo de forma voluntária, seja por meio de cortes, incisões, seja por meio de outros processos de manipulações, Mieli (2002) dá o nome de *landmark*. Existem duas variáveis de *landmark*, a primeira se refere à inscrição do *landmark* como apagamento; e a segunda, à inscrição de um marco. Em ambas, o *landmark* é a busca por um corte simbólico que sustenta um contorno flutuante. “O *landmark* é indício da necessidade de uma inscrição simbólica representativa de um traço da função paterna,

a ser distinguido do traço paterno real. Nesse sentido, o *landmark* é porta-voz de uma intervenção na transmissão entre gerações” (Mieli, 2002, p. 16). Desse modo, o *landmark* visa instaurar um novo contorno ao traço incômodo do *punctum*, transformando, por via da inscrição ou do apagamento, parte do corpo como despercebida.

Posto isso, cabe ressaltar que o pai é elaborado como uma função não relacionada à função biológica, mas à função apresentada pela mãe, pois é ela quem instaura o pai na díade mãe-bebê. A Função paterna é a relação na qual o pai ocupa um lugar no registro real, imaginário e simbólico. O primeiro diz respeito ao imaginável, pois quando representado não corresponde mais à esfera do real. O pai imaginário é aquele que sustenta as relações entre pares, é o pai que a criança imagina. Por outro lado, o pai no registro simbólico é aquele que institui a lei (Cukiert & Prizskulni, 2002).

A criação do *landmark*, independentemente de ocorrer por via do apagamento ou pela via do marco, revela-se como uma oferta ao olhar, uma vez “que tenta acoplar um traço errante necessário à manutenção narcísica da imagem de si” (Mieli, 2002, p. 19). Se o *punctum* é provocado por um traço parental, o *landmark* se mostra como uma forma de emancipação da descendência.

A busca por intervenções no corpo e a constante preocupação com suas próprias formas evidenciam a necessidade do indivíduo de reconfigurar uma aparência que está constantemente influenciada por um olhar inconsistente. Mieli (2002) aponta que o lugar do corpo elegido como *punctum* não é qualquer lugar, é sempre determinado pelos significantes da história singular de cada sujeito e devem ser ouvidos de forma atenta na clínica.

Kehl (2004) menciona “o corpo como primeira condição” (p. 174) para o sujeito ser feliz. O corpo-imagem, apresentado ao social, é tido como aquisição de identidade e socialização. Com os avanços tecnológicos, a possibilidade de modificar e construir um corpo ideal confunde-se com a ideia da construção de um novo destino. “Ao confundir o traçado do corpo com o traçado do destino [...] faz incidir sobre a possibilidade de modelar as formas do corpo uma espécie de pretensão autoral” (p. 176). Desse modo, percebemos que as pessoas acreditam que podem traçar seu destino como traçam seu corpo. A esse respeito, Kehl adverte que quem “pensa estar livre para traçar seu destino não se dá conta de que está se condenando a viver, mais do que nunca, encarcerado em si mesmo” (p. 177).

Percebemos que, nessa busca incessante por harmonizações, além de fracassar o ideal de um corpo perfeito e de um suposto controle sobre o tempo, as pessoas acabam se tornando idênticas em função dos procedimentos que instituem traços tão semelhantes. Em matéria do site Correio Braziliense (Yamaguti, 2021), o médico dermatologista André Moreira Lemes convoca-nos a uma provocação muito pertinente nesse sentido: estariam, esses procedimentos, “harmonizando ou padronizando os rostos das pessoas?”. No intuito de conseguir pertencimento social, o sujeito cede seus traços singulares e busca se igualar. O dermatologista descreve que os indivíduos “chegam a seu consultório com fotos de famosos, desejando ficarem iguais ou parecidos com suas referências, esquecendo-se de que a beleza é individual e não deve ser comparada com a de outras pessoas” (Yamaguti, 2021). Afinal, a qual lógica de pertencimento se presta às harmonizações faciais? Villaça (2007) expõe que “[...] a busca por individualidade coexiste com a busca pela inserção em um coletivo, em uma tribo

de consumo, que constrói sua imagem sobre o estereótipo bem-sucedido e a originalidade de vanguarda da moda. A cumplicidade dos indivíduos nesse jogo é evidente, pois ele apela ao narcisismo de cada um” (p. 211).

O corpo é percebido inicialmente de forma fragmentada, conforme podemos constatar no desenvolvimento de um bebê, que aos poucos vai identificando partes do corpo. O Estádio do Espelho tem um caráter constituinte para o sujeito, sendo por meio da percepção de si mesmo perante a imagem projetada no espelho que o sujeito consegue se reconhecer de forma integral como ser único e diferente dos demais, como explicamos no tópico anterior. “O Outro em psicanálise é testemunha da visibilidade do sujeito”; portanto, é nessa procura por visibilidade que o sujeito vai buscar parecer com a imagem que “ele supõe que o outro veja” (Kehl, 2004, p. 149).

Os meios midiáticos lançam a todo momento novos padrões de beleza como ideais a serem atingidos. Alguns anos atrás, as sobancelhas finas e arqueadas eram tidas como o padrão ideal, mas, atualmente, as protagonistas da vez são as preenchidas que respeitam a curvatura natural. Outro exemplo das mudanças de padrões corporais são os seios, anteriormente os avantajados eram os almejados; atualmente se inverte a lógica e os seios menores voltam a ser percebidos como tendência. Essa ditadura da beleza faz com que o sujeito sempre se sinta insatisfeito, impertinente aos padrões sociais e, desse modo, lança sobre si o olhar de *punctum*, aquele que captura e incomoda o observador.

Assim, podemos pensar o *landmark* em conformidade com a terminologia da língua inglesa, a qual Mieli (2002) utilizou para elaborar sua concepção na gramática do corpo, pois um dos significados de *landmark* é “um acontecimento considerado ponto de virada de um certo período” (p. 16). Nesse sentido, podemos deduzir que, ao se submeter a intervenções estéticas, o sujeito promove uma inscrição simbólica de transição para uma nova forma, como ocorre nos ritos de passagem, nos quais uma transformação inscreve a entrada do sujeito no social.

A esse respeito, a indústria estética se mostra sempre à disposição do sujeito, lançando produtos, técnicas e equipamentos que prometem reinscrever os traços e mudar contornos. Quando pensamos nas harmonizações, são essas colocações que estão em jogo. Identificamos que, cada vez mais, os jovens são atraídos pela ideia do rosto perfeito, “harmônico”, que, como fomenta o mercado, quanto mais cedo iniciados os procedimentos de harmonização, melhores serão os resultados, vendendo a ideia de que podem rejuvenescer o indivíduo e evitar os sinais do envelhecimento. O ex-ginasta brasileiro Diego Hypólito, de 38 anos, é um exemplo de adesão ao procedimento. Em uma publicação no Instagram, em 23 de maio de 2020, fez um comparativo entre duas fotos pessoais, uma referente ao ano de 2014 e outra ao de 2020, e cita algumas intervenções a que se submeteu: “implante capilar, lentes dentárias, aumento labial e harmonização facial”, marcando na legenda “10 anos mais jovem”⁴.

Em suma, porque a posição ocupada pelo “velho” na atualidade é pejorativa, ferindo a imagem narcísica que busca ser desejada pelo Outro, envelhecer é projetar no espelho uma imagem de cabelos grisalhos, rugas e ocupar um lugar de falta de prestígio social, imagem essa que o sujeito não deseja ver no espelho do outro (Mucida, 2009).

4 Recuperado de https://www.instagram.com/p/CAi_AEPFw2x/?igshid=MzVlODdmYjc=.

Percebemos, em nossa sociedade, uma busca incessante por continuar com uma aparência jovem, atraente e, desse modo, a indústria e a mídia trabalham conjuntamente, apelando ao narcisismo de cada um. A influência da mídia leva as pessoas a buscarem se encaixar aos padrões exibidos, sem refletir sobre suas singularidades e seus desejos. Conforme podemos observar nas colocações de Debord (1997),

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo (p. 24).

Bucci e Kehl (2004), no livro *Videologias*, destacam que os publicitários identificaram que é possível exercer influência sobre o inconsciente do consumidor, fazendo-o funcionar visando ao lucro. O inconsciente é de carácter amoral e opera de acordo com a lógica da gratificação instantânea. Uma campanha publicitária considerada eficiente atua de forma apelativa e, ao mesmo tempo, de forma sublime sobre o inconsciente, fazendo o sujeito desejar um objeto que promete a satisfação e felicidade. Assim, as mídias vinculam e determinam quais imagens são os objetos imaginários de satisfação, capturando de forma inconsciente as pessoas, que passam a funcionar a favor da lógica capitalista do ser *igual a ter*.

Bianca Andrade, mais conhecida como Boca Rosa, de 30 anos, é uma conhecida influenciadora digital, apresentadora, diretora e atriz; Alok, de 33 anos, DJ brasileiro muito conhecido por grandes *hits*; Naiara Azevedo, 35 anos, cantora e compositora sertaneja, além disso, participou do *reality* intitulado Big Brother Brasil; Paloma Santos, popularmente conhecida como MC Loma, 22 anos, cantora; Wesley Safadão, 36 anos, cantor; Arcrebianio Araújo, popularmente conhecido como Bill Araújo, 33 anos, além de educador físico, é modelo e *digital influencer*, participou de três *realities*. Afinal, o que esses nomes têm em comum?⁵ São todos jovens famosos que se submeteram a procedimentos de harmonização facial. Indagamos, portanto: qual a função psíquica exercida por esses procedimentos?

Parece haver, nesse sentindo, o que Souza (2007) considera como “uma eterna expectativa de reparar uma balança imaginária [...] que tenta remeter certo equilíbrio entre os excessos e as faltas simbólicas para o real do corpo” (p. 70). Ao lançar-se em busca de um padrão de beleza inacessível, ocorre um conflito inconsciente relativo a uma falha na formação da instância do Eu Ideal, a qual se instaura na relação com a figura materna. Desse modo, o sujeito acaba desenvolvendo uma relação de autocrítica com seu corpo e sua imagem, buscando pertencer aos padrões estéticos. O “sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao Ich-Ideal” (Lacan, 1953-1954/1996, p. 148), ou seja, a imagem do sujeito é construída por meio do discurso e investimento maternos. Como na constituição do Eu Ideal existe uma lacuna, o sujeito não vai conseguir apoderar-se da sua imagem de modo satisfatório. Em *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2021) menciona o próprio corpo como fonte de sofrimento, o corpo “destinado à decadência e a dissolução” (p. 321). Posto isso, o sujeito pode vir a se colocar em uma condição ilusória de buscar, nesses procedimentos, a completude e a não degradação do corpo (Souza, 2007).

5 Recuperado de <https://br.vida-estilo.yahoo.com/famosos-harmonizacao-facial-080029359.html>.

Verificamos dois casos que os envolvidos realizaram a reversão do procedimento de harmonização: Lucas Lucco, cantor sertanejo, de 34 anos, realizou o procedimento de harmonização facial, mas afirma não ter gostando dos resultados, alegando não se reconhecer mais na imagem do espelho. Diante do incômodo, iniciou um procedimento para reverter a intervenção realizada, assegurando: “Assim que a gente conseguiu retirar todo o produto, consegui voltar com minhas expressões normais”⁶. Outra pessoa reconhecida nos meios midiáticos que realizou reversão foi Mariana Goldfarb, influenciadora digital, mais conhecida pelo casamento que manteve com Cauã Reymond. Mariana, atualmente com 35 anos, menciona: “retirei tudo, toda injeção, e foi muito bom. Eu chorava na dermatologista, porque não me reconhecia. Eu não estava mais me reconhecendo, olhava no espelho e pensava: Não sei quem é, não sou eu”⁷.

Esses achados contribuem para a nossa pesquisa, pois o “Outro representado pela mídia eletrônica produz a ilusão de que nada se perdeu e de que temos a nossa disposição uma profusão de objetos para simular o objeto perdido de nosso mais gozar, o tal objeto *d*” (Kehl, 2004, p. 75). Entretanto, por mais que o sujeito realize múltiplas intervenções, será sempre insuficiente. Seria uma falha de investimento da figura materna nos períodos iniciais que geraria uma repetição do modo de se portar perante esses padrões sociais, tendo em vista que é a relação com a figura materna que edifica o comportamento do sujeito em relação a sua imagem e à do outro?

Dados da SBCP (2019) apontam o percentual por faixas etárias que mais realiza procedimentos cirúrgicos e não cirúrgicos – nesse sentido, realizado um comparativo unânime, não havendo separação que corresponda às categorias cirúrgica ou não cirúrgica. Diante desses dados, podemos verificar que duas faixas etárias contam com números mais expressivos que as demais: entre 36 anos e 50 (36,7%) e entre 19 e 35 (34,7%). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁸, idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais. Desse modo, podemos verificar que a classe classificada como “velho” não é predominante na realização de procedimentos estéticos.

Considerações finais

Verificamos que a toxina botulínica, mais conhecida como Botox, lidera o *ranking* dos procedimentos não cirúrgicos (SBCP, 2019). O procedimento é utilizado na redução de rugas e linhas de expressão, que parecem se inscrever como um indicativo da chegada do processo de envelhecimento – traços esses fonte de mal-estar no corpo na contemporaneidade. Questionamos, neste trabalho, qual a função da aplicação de substâncias no rosto, como o Botox? Nesse procedimento é realizada a inserção de toxina botulínica por meio de aplicações,

6 Recuperado de <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2021/07/19/lucas-lucco-faz-reversao-de-harmonizacao-facial-e-mostra-antes-e-depois.htm>.

7 Recuperado de <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/08/15/famosas-que-reverteram-procedimentos-esteticos.htm>.

8 Recuperado de <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa#:~:text=Para%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20da,lei%2010.741%2C%20de%202003>.

visando promover o relaxamento da musculatura no local aplicado e, conseqüentemente, sua inibição/paralisação, sendo possível amenizar rugas ou até mesmo torná-las imperceptíveis. A aplicação de Botox pode ser complementada com outros procedimentos, como o preenchimento, que ocupa a segunda colocação no *ranking*. Nesse procedimento, é injetado ácido hialurônico com a finalidade de preencher cavidades, como as linhas de expressão e rugas e aumentar os lábios⁹. Qual seria a função de tais procedimentos? Preencher um vazio? Evitar o encontro com a castração inevitável do declínio da pele na idade?

O envelhecimento provoca uma angústia no sujeito. Lacan (1962-1963/2005) nos adverte que a angústia está relacionada com o desvelamento do objeto *a*. Esses vazios que o sujeito busca preencher com a toxina botulínica e o ácido hialurônico fazem-nos indagar se essa ação não seria uma tentativa de preencher simbolicamente um espaço, um vazio existencial do sujeito, o qual Lacan denominou de objeto *a*. Nas palavras do psicanalista,

[...] este objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importar que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo. O objeto *a* minúsculo não é a origem da pulsão oral [...] é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando-se o objeto eternamente faltante (Lacan, 1964/1985, p. 170).

Desse modo, o sujeito fracassa nessa tentativa de preencher o vazio, que é próprio da constituição dele mesmo. Qualquer objeto irá corresponder somente de forma parcial, não sendo passível uma completude, uma vez que esse objeto é indefinido. Lacan (1962-1963/2005, p. 179) afirma que o objeto *a* é o “que lidamos, por um lado, no desejo, por outro, na angústia”. É justamente pela angústia provocada pela presença desse vazio que surge no sujeito um desejo de sempre buscar um objeto que possa vir a gerar a satisfação, mesmo que momentânea.

A respeito da angústia, consoante Lacan (1962-1963/2005, p. 149), “a falta é radical, radical na própria constituição da subjetividade [...] há alguma coisa perdida, e a maneira mais segura de abordar esse algo perdido é concebê-lo como um pedaço de corpo”.

Partindo do pressuposto de que a demanda primitiva comporta sempre algo de natureza ilusória, que preserva a posição do desejo, na neurose ocorre uma falsa demanda: o sujeito faz da demanda seu objeto. Assim, a angústia surge em resposta a essa falsa demanda, quando tamponada, não preservando o vazio que causa o desejo. Em outras palavras, é necessário que algo falte para que haja desejo (Lacan, 1962-1963/2005).

As harmonizações são realizadas com o intuito de alcançar o Outro, aquele que o sujeito supõe que demanda algo que, nesse caso, pode ser o Outro simbólico, o Outro da cultura. Conforme Mieli (2002) aponta, “a maneira pela qual o *punctum* persegue o sujeito metaforiza o olhar anulador do Outro originário, avaro de uma aprovação que dá satisfação narcísica aos jogos projetivos do Eu Ideal” (p. 25). Ao longo deste trabalho, pudemos perceber que a mídia influencia o modo pelo qual o sujeito contemporâneo se percebe. As propagandas e as imagens circulantes nos mais variados veículos de comunicação atuais levam-nos a problematizar o uso das redes como um retorno à relação primitiva vinculada ao Estádio do Espelho, na busca por um olhar do outro que valide sua imagem. Kehl (2004) menciona a sociedade do espetáculo,

9 Recuperado de <https://www.lucianapepino.com.br/procedimentos-esteticos/harmonizacao-facial/>

na qual para o sujeito ser é necessário *parecer*, havendo uma predominância da aparência no lugar do ser. Desse modo, o corpo opera como mercadoria no capitalismo, o corpo que pode ser adquirido nas clínicas estéticas.

Ao delimitarmos um público jovem como objeto de pesquisa, deparamo-nos com algumas limitações referentes ao baixo número de atualizações de dados estatísticos por parte da SBCP sobre a incidência de procedimentos estéticos, uma vez que o instituto não atualiza de forma periódica os registros de pessoas que se submeteram a procedimentos faciais, sendo o último censo realizado entre 2018 e 2022. Outro fator que dificulta a delimitação escolhida refere-se ao fato de o censo agrupar as idades entre faixas etárias muito extensas, por exemplo, entre 19 e 35 anos. Por fim, outro ponto que deve ser destacado é o censo não fornecer um gráfico contendo a incidência de tais procedimentos feitos por homens e mulheres.

Este trabalho teve como escopo ampliar a compreensão da temática, levando em conta a alta incidência de procedimentos faciais realizados, sendo de grande importância clínica a escuta atenta mediante a experiência de o rosto ser concebido como *punctum*; devendo-se levar em consideração seu caráter complexo, que pode implicar na presença de particularidades subjetivas e as especificidades corporais tidas como padrões de beleza na contemporaneidade. Essas singularidades são importantes de serem consideradas, pois a eficácia da inscrição do *landmark* varia em conformidade com tais particularidades; embora o *landmark* alcance a tentativa de uma ruptura ou marco nos procedimentos do rosto. Surge, então, a seguinte questão, que pode ser mais bem explorada em futuras pesquisas, sua reinscrição discriminada não levaria a um apagamento do sujeito? Outra questão que instiga novas pesquisas refere-se à incidência da lógica capitalista neoliberal que influencia cada vez mais pessoas do sexo masculino a realizar procedimentos de harmonizações.

Identificamos que existe uma estreita ligação entre os procedimentos de harmonização facial e o medo de envelhecer, uma vez que a liderança dos procedimentos não cirúrgicos é ocupada por tratamentos que atuam disfarçando traços e marcas faciais que surgem em virtude do envelhecimento. A população que mais compra a imagem vendida nas mídias é a população mais jovem, conforme pudemos perceber pela incidência maior dos procedimentos entre sujeitos de 19 a 50 anos, evidenciando uma busca ilusória de prevenção do envelhecimento. Assim, o medo de envelhecer se deve à forma como a cultura atual desprestigia os sujeitos que envelhecem, relegando a eles a imagem de indivíduos sem autonomia, sem desejos e que estampam o real da finitude.

Referências

- Barthes, R. (2015). *A câmera clara: nota sobre a fotografia* (J. C. Guimarães, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1980).
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bucci, E. & Kehl, M. R. (2004). *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo.
- Cukiert, M. & Prizskulnik, L. (2002). Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*, 7(1), 143-149. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100014>>

- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Ferrante, E. (2016). *Dias de abandono*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1996). Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 199-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893).
- Freud, S. (1996). As neuropsicoses de defesa. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 51-74). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894).
- Freud, S. (1996). O ego e o id. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-82). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 6, pp. 13- 172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 12, pp. 13-150). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2021). As pulsões e seus destinos. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud – As pulsões e seus destinos* (pp. 13-72). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2014). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 17, pp. 424-449). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 235-276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2021). O mal-estar na cultura. In S. Freud. *Obras incompletas de Sigmund Freud – Cultura, Sociedade, Religião, o Mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). Princípios básicos da Psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 10, pp. 268-276). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goldfarb, D. C. (1997). *Corpo tempo e envelhecimento*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Gonçalves, G. A. (2022). *Corpo e clínica psicanalítica: teoria e prática*. Curitiba: Juruá.
- Guedes, D. F. P. (2010). Uma introdução ao conceito de objeto a. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 8(1), 159-174. Recuperado em 14/04/2025 em: <<http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/8782>>

- International Society of Aesthetic Plastic Surgery [ISAPS]. (2022). International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures. Recuperado em 14/04/2025 em: <https://www.isaps.org/media/aoqfm4h3/isaps-global-survey_2022.pdf>
- Kehl, M. R. (2004). Com que corpo eu vou? In E. Bucci & M. R. Kehl. *Videologias: ensaios sobre televisão* (pp.174-179). São Paulo: Boitempo.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949).
- Lacan, J. (1996). Os dois narcisismos. In J. Lacan. *O seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud* (pp. 140-151). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (2005). *Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (1985). *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (2007). *Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975-1976).
- Mieli, P. (2002). *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Mucida, A. (2009). Sexualidade e amor no homem idoso. *A terceira idade*, 20(46), 48-61. Recuperado em 14/04/2025 em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4383835/mod_resource/content/1/Sexualidade%204.pdf>
- Py, L. (2004). Envelhecimento e subjetividade. In L. Py. *Tempo de envelhecer :percursos e dimensões psicossociais* (pp. 109-136). Rio de Janeiro: NAU Editora.
- Quinet, A. (1994). A imagem rainha ou a boneca barroca. *Opção Lacaniana*, 11, 46-51.
- Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP). (2019). *Censo 2018: análise comparativa das pesquisas 2014, 2016 e 2018*. Recuperado em 14/04/2025 em: <http://www2.cirurgioplastica.org.br/wp-content/uploads/2019/08/Apresentac%CC%A7a%CC%83o-Censo-2018_V3.pdf>
- Schulz, J. P. & Ruschel, V. R. G. (2017). A estruturação da imagem do corpo na infância. *Trivium*, 9(1), 16-25. Recuperado em 14/04/2025 em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912017000100003&lng=pt&nrm=isso>
- Soler, C. (2019). *O em-corpo do sujeito: seminário (2001-2002)*. Salvador: Ágalma.
- Souza, K. C. V. (2007). *O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalítica*. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil.
- Villaça, N. (2007). *A edição do corpo: tecnologia, artes e moda*. São Paulo: Estação das Letras.
- Yamaguti, B. (2021, 21 de março). Usada por famosos e influencers, a harmonização facial faz sucesso nas redes. *Correio Braziliense*. Recuperado em 14/04/2025 em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2021/03/4912904-usada-por-famosos-e-influencers-a-harmonizacao-social-faz-sucesso-nas-redes.html>>

Facial harmonizations: a psychoanalytic perspective of contemporary malaise

Abstract

Facial harmonizations are aesthetic, non-surgical procedures that have been being highlighted as a growing phenomenon in contemporary society. In this matter, we identify the face as a source of discomfort, or as a *punctum*, a concept created by Mieli to define the place of one's own body that causes discomfort, and the desire to undo it. In this regard, the interest in carrying out bibliographical research on psychoanalysis arose, intending to draw a link between the pursuit of facial changes and psychoanalytic propositions about body interventions. We aim to understand the discomfort that affects bodies increasingly younger, choosing as subjects men and women between the ages of 20 and 40 who underwent the procedure. We question whether the motivation for the increase in procedures is due to the fear of aging. This article is justified because of the incidence of facial aesthetic procedures leading the top five positions of non-surgical methods most performed in Brazil, according to data from the last census of the Brazilian Society of Plastic Surgery (SBCP, In Portuguese: Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica). We conclude that the choice for harmonization procedures corresponds to crossings of the cultural dimension, such as the media, and the fear of aging, since the two most performed non-surgical procedures are intended to prevent and treat wrinkles and expression lines, and with a higher incidence of aesthetic procedures in the age group between 19 and 50.

Keywords: Body, Psychoanalysis, Facial harmonization, *Punctum*.

Harmonisations faciales: une perspective psychanalytique sur le malaise contemporain

Résumé

Les harmonisations faciales sont des procédures esthétiques non chirurgicales qui sont devenues un phénomène croissant dans la société contemporaine. Dans ce sens, nous avons identifié le visage comme une source de malaise ou comme un *punctum*, concept créé par Mieli pour définir l'endroit du corps qui provoque l'inconfort et le désir de s'en débarrasser. Dans ce contexte, nous nous sommes intéressés à réaliser une revue de littérature en psychanalyse, dont l'objectif est de créer une articulation entre la recherche de modifications faciales et les propositions psychanalytiques d'interventions sur le corps. Notre but est de comprendre le malaise qui affecte des corps de plus en plus jeunes, en choisissant comme objet d'étude des hommes et des femmes dans la tranche d'âge de 20 à 40 ans qui ont subi l'intervention. Nous nous demandons si la motivation à l'origine de l'augmentation significative du nombre

de procedimentos se passe à cause de la peur du vieillissement. Cet article se justifie par l'incidence des procédures esthétiques du visage qui occupent les cinq premières positions des méthodes non chirurgicales les plus pratiquées au Brésil, selon les données du dernier recensement de la Société Brésilienne de Chirurgie Plastique (SBCP). La conclusion est que le choix de pratiquer l'harmonisation correspond à des croisements de la dimension culturelle, comme celle des médias, et que la peur du vieillissement s'avère être une justification pour cela, puisque les deux procédures non chirurgicales les plus pratiquées ont pour but de prévenir et traiter les rides et ridules d'expression, avec une incidence plus élevée d'interventions esthétiques dans la tranche d'âge comprise entre 19 et 50 ans.

Mots-clés: Corps, Psychanalyse, Harmonisations faciales, *Punctum*.

Armonizaciones faciales: una perspectiva psicoanalítica del malestar contemporáneo

Resumen

Las armonizaciones faciales son procedimientos estéticos no quirúrgicos que se han destacado en la sociedad contemporánea. En ese sentido, identificamos el rostro como un malestar o como un *punctum*, concepto creado por Mieli para definir el incómodo sentido por muchas personas por el propio cuerpo y el deseo de deshacerse de él. En ese contexto, surgió el interés de realizar una investigación de revisión bibliográfica en psicoanálisis, con el objetivo de tejer una articulación entre la búsqueda por cambios faciales y las proposiciones psicoanalíticas acerca de intervenciones sobre el cuerpo. Buscamos comprender el malestar que afecta cuerpos cada vez más jóvenes, eligiendo como objeto de investigación hombres y mujeres en el rango etario de 20 a 40 años, que se sometieron al procedimiento. Indagamos si la motivación del aumento de los procedimientos es el miedo a envejecer. Este artículo se justifica por la incidencia de los procedimientos estético faciales liderar las cinco primeras colocaciones de los métodos no quirúrgicos más realizados en Brasil, de acuerdo con los datos del último censo de la Sociedad Brasileña de Cirugía Plástica (SBCP). De ese modo, se concluye que la elección por la práctica de armonización se relaciona con la dimensión cultural, como los medios de comunicación, y que el miedo a envejecer se muestra como una justificación, una vez que los dos procedimientos no quirúrgicos más realizados tienen como finalidad tratar arrugas y líneas de expresión, con una mayor incidencia en el rango etario de 19 a 50 años.

Palabras clave: Cuerpo, Psicoanálisis, Armonizaciones faciales, *Punctum*.

Recebido em: 29/05/2024

Revisado em: 14/10/2024

Aceito em: 23/01/2025